

Morte no jornalismo local¹

Gabriela Tumbiolo SANTOS²

Samanta MARTINS³

José Augusto Nascimento REIS⁴

Igor José Siquieri SAVENHAGO⁵

Universidade de Franca, Franca, SP

RESUMO

A reportagem apresentada por este paper teve origem, entre outros produtos, num Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) concluído em dezembro de 2015 na Universidade de Franca (Unifran). A proposta do TCC, como um todo, consistia em apontar como o jornalismo regional ultrapassa frequentemente as fronteiras do interesse público, invadindo o território do interesse do público. Nesse contexto, a reportagem “Morte no Jornalismo Local” dá voz a pessoas que se sentiram ofendidas, desrespeitadas com a cobertura de tragédias que envolveram familiares e amigos, feita por veículos regionais. Foram ouvidos personagens que consideram ter tido seus direitos de privacidade violados, como em publicações de fotos que expõem cadáveres ou os corpos em caixões. O intuito, com isso, foi promover uma discussão sobre o espetáculo na produção de notícias.

Palavras-chave: Comunicação Social; espetáculo, notícia, interesse público; interesse do público.

1 INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso analisou a problemática do espetáculo e apontou, de acordo com estudos e leituras relacionadas, quais são as características, nesse âmbito,

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso.

² Aluna líder. Estudante, em 2015, do 8º semestre do Curso de Jornalismo, email:

³ Estudante, em 2015, do 8º semestre do Curso de Jornalismo, email:

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: jose.reis@unifran.edu.br

⁵ Co-orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: igor.savenhago@unifran.edu.br

que interferem no processo de produção de notícias regionais em Franca-SP e cidades próximas.

Para que houvesse, no entanto, uma discussão sobre a influência do espetáculo na produção de notícias, foi necessário esclarecer, primeiramente, as diferenças básicas entre jornalismo e espetáculo e como é possível discerni-los um do outro. Nesta linha tênue, é necessário identificar em que situações um fato é noticioso e atende ao interesse público, apoiando-se na preocupação com o bem-estar coletivo, ou irrelevante, mas lucrativo, passando a ser visto como interesse do público, respondendo a curiosidades e conveniências de um nicho específico de leitores, ávidos por informações com características que fogem dos preceitos que definem o bom jornalismo.

O jornalista desempenha uma relevante função social, o que requer cautela por parte deste profissional no processo de disseminação de informações. De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, os fatos “devem ser divulgados de forma precisa e correta, como um dever dos meios de comunicação, deve ser cumprido independentemente de sua natureza jurídica, pública, estatal ou privada”.

Bourdieu (1997) afirma que o jornalista é um funcionário da humanidade e que sua função é manter a sociedade informada. Já Rossi (1994) enxerga o jornalismo como “uma fascinante batalha pela conquista das mentes, corações e seus alvos, batalha essa que usa a palavra como arma, acrescida da televisão, pelo efeito das imagens”. O autor classifica a objetividade como “tempero da batalha” e a neutralidade como “posição ideal” (p. 24).

Dentro deste jornalismo puro, centrado e humanitário descrito pelos autores, existem questões financeiras e mercadológicas que dividem sua prática em algumas vertentes, também chamadas de “antijornalismo”, nas quais se inserem o sensacionalismo, o jornalismo declaratório e, entre tantas outras, o espetáculo, que se concentra no deslocamento de um fato concreto para sua dimensão simbólica. Moldado pelo capitalismo, caracteriza-se por fugir dos padrões jornalísticos, envolvendo o público num contexto teatral. É baseado, por exemplo, no uso de linguagem cotidiana e grande exploração de imagens.

Por sua vez, Debord (1997) define espetáculo como “a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida” (p. 41). Ele caracteriza os meios de comunicação de massa como “a manifestação superficial mais esmagadora” desta sociedade, já que eles assumem o papel tanto de propagar informações (jornalismo) como desejos (entretenimento e publicidade).

Wilson Gomes (2009), jornalista brasileiro que chama esta vertente da Comunicação de “Jornalismo Espetáculo, escreve que, na sociedade capitalista, em que a informação circula em alta velocidade e completamente acessível, as notícias tornam-se mercadorias, como qualquer outra. Os veículos midiáticos passaram a concorrer vigorosamente uns com os outros em busca de maior audiência, utilizando alguns artifícios para atrair a atenção dos leitores, entre eles a linguagem do espetáculo.

A partir deste aparato teórico, as estudantes Gabriela Tumbiolo Santos e Samanta Martins desenvolveram cinco produtos como Trabalho de Conclusão de Curso: um documentário em vídeo, um programa de rádio, um projeto de assessoria de imprensa, um ensaio fotográfico e, finalmente, a reportagem de impresso “Morte no Jornalismo Local”. Esta abordou pessoas que tiveram parentes e amigos mortos tragicamente em acidentes e se sentiram ofendidas com cobertura feita pela imprensa na região de Franca, seja por meio da excessiva exploração do fato ou da divulgação de fotografias consideradas por elas como invasivas, além da busca, quase insaciável, por depoimentos emocionados.

2 OBJETIVOS

O objetivo desta reportagem, a partir do contexto apresentado na Introdução, foi, portanto, relatar, por meio de entrevistas e resgate de memórias de casos recentes ocorridos no país, como o jornalismo, como foco no regional, ultrapassa as fronteiras do interesse público, desrespeitando a vida privada de personagens envolvidos em tragédias familiares quando busca notícias espetaculosas, com a meta de atrair a atenção do público e gerar maiores números de venda ou audiência.

Outro objetivo foi oferecer ao leitor uma discussão sobre as práticas jornalísticas envolvidas na elaboração de reportagens sobre tragédias, como em casos cujas publicações não apresentam novidades e não têm o intuito de promover reflexões, mas apenas satisfazer, por motivos mercadológicos, a curiosidade de uma parcela do público.

3 JUSTIFICATIVAS

Diariamente, se observa em veículos da imprensa regional inúmeras publicações sobre acidentes, assassinatos ou quaisquer outras situações em que pessoas morrem de forma trágica. Em alguns casos, pôde-se observar, durante o desenvolvimento do TCC, a divulgação de fotos de corpos, alguns logo após a morte e outros sendo velados. Essa exposição, desnecessária, é feita sem ao menos a permissão dos familiares, caracterizando

um desrespeito e direito de privacidade violado, diferente do que prevê o Código de Ética dos Jornalistas. Além do que a concentração de imagens fortes, chocantes, com sangue explícito, corpos mutilados, gera suítes desnecessárias, uma continuidade da abordagem do assunto sem motivos que estejam atrelados ao interesse público, já que, em muitos casos, as informações que são dadas como novas não são tão novas assim. Tratam-se apenas de repetições descontextualizadas, com enfoque um pouco diferente dos anteriores.

É importante destacar que ações como essa corrompem o jornalismo que trabalha em prol do cidadão e não do mercado. Nesse sentido, a linguagem do espetáculo cria uma relação afetiva com o público, dando a impressão de que acontecimentos da vida privada de uma pessoa são relevantes ao contexto social, em que o interesse não é mais a informação em si, mas os efeitos emocionais que poderão ser causados na audiência. O espetáculo age diretamente de acordo com o interesse do público, priorizando o que não é relevante, mas interessante aos olhos de quem recebe a informação. Tem, como característica, a exploração do sangue, do sexo, da fofoca e da continuidade supérflua da notícia quando já não há mais novidade nem interesse social. É o fetichismo da mercadoria.

A perda da qualidade, tão evidente a todos os níveis da linguagem espetacular, dos objetos que ela louva e das condutas que ela regula, não faz senão traduzir os caracteres fundamentais da produção real que repudia a realidade: a forma-mercadoria é de uma ponta a outra a igualdade consigo própria, a categoria do quantitativo. É o quantitativo que ela desenvolve, e ela não se pode desenvolver se não nele (DEBORD, 1997)

Luiz Gonzaga Motta, professor de jornalismo da UnB, declarou em entrevista ao programa “O Público na TV” (2011) que, por conta da fácil e instantânea comercialização de notícias por meio de portais online, o público está viciado e anseia por espetáculo. Disse, ainda, que isso constitui um círculo vicioso que só pode ser quebrado se o jornalismo, de forma geral, passar por uma reformulação.

Complementando esse raciocínio, Debord (1997) também entende que o espetáculo como instrumento “mediatizador” nas notícias pode causar a redução do pensamento crítico reflexivo, além de unificar o pensamento social em uma falsa consciência, já que ele vem, acompanhado de informações mastigadas, sem abertura para interpretações ou análises aprofundadas, o que é uma questão a ser considerada tendo em vista que, na sociedade brasileira, o índice atual de analfabetos funcionais, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), chega a 17% da população.

Partindo desses aspectos, a reportagem “Morte no Jornalismo Local” se justifica por ter aberto espaço a pessoas que perderam entes queridos para expressarem sua indignação contra o que consideram abuso por parte da imprensa, já que, mesmo passando por momentos delicados, afirmam ter sido assediadas por jornalistas.

E por que trabalhar o tema desta maneira numa reportagem de revista? Scalzo (2003) afirma que, "o fato de uma revista levar mais tempo para ser produzida, ela informa a mesma notícia que foi dada em outras mídias, mas de forma detalhada e mais trabalhada. Um fato que ocorreu, em um portal de notícias pode não estar bem editado, devido à correria para dar a informação na frente dos outros veículos" (p. 38).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Para a execução do Trabalho de Conclusão de Curso 2015 da Unifran, a turma do quarto ano (sétimo e oitavo semestres), composta por 14 alunos, foi dividida em sete duplas. A partir de um tema geral definido pelos professores responsáveis pelo Projeto Experimental – “Jornalismo Regional” –, cada dupla precisou fazer um levantamento teórico sobre o recorte escolhido, que, no caso de Gabriela e Samanta, foi a influência do espetáculo na produção de notícias regionais. E, após essa etapa, conceber cinco produtos comunicacionais. Um deles foi uma reportagem de revista.

Seguindo o cronograma também ditado pelos professores, as duplas apresentaram, primeiramente, uma pauta, que passou por duas revisões dos docentes até chegar à versão final. Com base nesse planejamento, que estabeleceu todas as diretrizes para a abordagem do assunto, como previsão de entrevistas e fontes de dados, a reportagem foi desenvolvida a partir de agosto, sendo concluída, novamente após duas revisões de texto escrito e material fotográfico, em novembro, quando foi entregue juntamente com os outros produtos para avaliação da banca final. Todas as reportagens feitas pelas sete duplas foram reunidas numa revista experimental, nomeada de “Sem Cedilha”.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem “Morte no jornalismo local” começa contando a história da estudante Carolina Dal Sasso de Oliveira, que perdeu quatro membros de sua família – o pai, a mãe e dois irmãos – num acidente de carro, em Carmo de Cajuru (MG). Ela relata que o caso foi noticiado pela imprensa regional e que ela e outros familiares foram procurados para dar depoimentos emocionados sobre o caso.

Outro personagem ouvido foi o estudante Peterson Águila, amigo de Gessyca Morais, que morreu em um acidente de carro em Osasco, na Grande São Paulo, em janeiro de 2014. O caso ganhou muita repercussão, principalmente porque ela era filha do cantor sertanejo Giovani, que mora em Franca fazia dupla com o irmão Gian. Águila diz que foi muito questionado por jornalistas de veículos de comunicação francanos sobre o perfil da jovem, para que as matérias relacionadas à morte dela tivessem continuidade.

O antropólogo e historiador Anderson Luís Venâncio e o professor universitário e apresentador de TV Luciano Dami também foram fontes. Venâncio falou sobre os fatores que levam o público a ter tanta curiosidade sobre notícias de mortes. Já Dami fez uma análise do comportamento da imprensa regional, quando esta utiliza artifícios do espetáculo para garantir venda e audiência.

A reportagem foi complementada com resgates de memórias das mortes da atriz Daniela Perez, da Rede Globo, em 1992. A atriz foi assassinada por Guilherme de Pádua, ator com quem contracenava numa novela escrita pela mãe dela, Glória Perez.

Outro caso foi a morte dos membros da banda Mamonas Assassinas. Os cinco jovens que compunham o grupo foram vítimas de um acidente aéreo no início da carreira, o que gerou muita comoção no público e uma infinidade de reportagens sobre o caso.

Por fim, foi lembrada a morte cantor sertanejo Cristiano Araújo, de 29 anos, em 24 de junho de 2015. O carro em que o cantor viajava com a namorada, Alana Moraes, de 19 anos, bateu após um show dele em Itumbiara (GO). Os dois morreram. O caso rapidamente foi veiculado por toda a imprensa, o que se estendeu durante dias, com novas informações da polícia, como a velocidade do carro no momento do acidente e a divulgação de imagens de câmeras de segurança que mostravam o veículo parado em um posto de combustível minutos antes do acidente.

6 CONSIDERAÇÕES

Sabe-se que o jornalismo compõe uma empresa e que as notícias são seus produtos. Como qualquer tipo de produção capitalista, tem a pretensão de lucrar com a venda de notícias. Diante disso, o principal desafio dos profissionais é promover a veiculação de fatos de estrito interesse público.

A partir disso, o material teórico coletado durante a pesquisa teve, sem dúvidas, papel relevante na elaboração prática do trabalho, permitindo que cada produto servisse como uma espécie de resposta aos questionamentos levantados. Assim, a elaboração da

reportagem “Morte no Jornalismo Local” pôde situar o leitor numa realidade que, muitas vezes, não é percebida por aqueles que não fazem parte dela.

A dor de perder um ente querido é singular e quase sempre indiscutível. Mas o sentimento de ver nas capas de inúmeras publicações uma tragédia que matou pessoas amadas e que não há mais nada a ser feito, pode ser apavorante, ainda mais se veículos de comunicação insistirem em expor o sofrimento de parentes, objetivando que o público se comova e consuma a informação.

Nem todos aqueles que se veem diante de matérias espetaculosas sabem disso, mas esta é a questão: todos precisam saber. Porque, por trás do espetáculo, às vezes há uma terrível estratégia de exploração da dor alheia.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fato e interesse – Ensaio de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>>. Acesso em 3 de agosto de 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Entrevista ao Programa “O Público na TV”**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TEJRaKLiQ_I?>. Acesso em: 17 de julho de 2015.

ROSSI, Clovis. **O que é Jornalismo**. Coleção Primeiros Passos. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.